

O ROMANTISMO DE CELSO FURTADO

Lucili Grangeiro Cortez*

Introdução

Afirmar que Celso Furtado é romântico estimula questionamentos diversos, não só por ser portador do título de economista, mas também porque o termo romantismo recebe conotação pejorativa quando entendido através do senso comum, sendo constantemente adotado para criticar posições políticas consideradas irrealizáveis, sonhadoras ou irresponsáveis. Entretanto, o Romantismo no meio acadêmico recebe diferentes qualificações e interpretações e, no campo das Humanidades pode ser entendido como uma escola, uma tendência, uma forma, um fenômeno histórico, um estado de espírito.

Além dessas diferentes qualificações, Jacó Ginsburg e Bertrand Russell entendem o Romantismo como uma “emergência histórica”, um “evento sociocultural”, um “movimento” cultural e político. Para Ginsburg, o Romantismo é o fato histórico que demarca a relevância da consciência histórica e uma visão de mundo “que pensou e se pensou historicamente”. Russell explica que o Romantismo surgiu em oposição ao racionalismo do Século das Luzes, abandonando uma visão de História mantida desde a instauração do Cristianismo, substituindo-a pela noção de progresso, de um “mundo sempre

* Doutora em História, professora de Mestrado em História e Culturas e do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

melhor”, dependendo, exclusivamente, da ação e da razão humanas. O movimento romântico apareceu, assim, como reação aos valores iluministas da sociedade moderna.¹ Russell também explica essas oposições, ao entender o iluminismo como uma força que não conheceu limites políticos, pois os mais importantes movimentos intelectuais da ciência e da filosofia foram “essencialmente isentos de sentimento nacional”. Entretanto, com o movimento romântico ocorre o ressurgimento do nacionalismo, “aguçando as diferenças nacionais e favorecendo concepções místicas de nacionalidade”.² Este fato provoca o abalo das instituições políticas tradicionais, diante da contestação, pelos românticos, dos problemas acarretados com o desenvolvimento industrial e da defesa do ideário da Revolução Francesa, alterando as fronteiras entre os povos criando novo equilíbrio entre as nações.³

O Romantismo persiste na atualidade como reação contra as condições de vida na sociedade capitalista, pois a crise da civilização que se forma com o nascimento e desenvolvimento do capitalismo industrial não está resolvida. Ela se modifica constantemente desde seu início, entretanto conserva as características essenciais, ou seja, as que provocaram o surgimento do primeiro romantismo, como o comprovam as revoltas culturais e políticas dos jovens dos países industriais avançados, dos anos 1960 a 1970 e o aparecimento do movimento ecologista. A essência do Romantismo, para Löwy e Sayre, está no fato de ser “uma crítica da modernidade, isto é, da civilização capitalista moderna, em nome de valores e ideais do passado (pré-capitalista, pré-moderno)”, ou seja, são valores qualitativos. Como a “característica central do capitalismo é a de ser um sistema cujo funcionamento é inteiramente determinado por valores quantitativos – o valor de troca, o preço e o lucro –” existe, entre esses dois universos, uma “oposição fundamental”, produtora de contradições e conflitos.⁴

Em virtude do relacionamento dessa visão de mundo com o capitalismo e da “maneira

específica” que se estabelece nessa relação, Löwy e Sayre concluem que o pensamento romântico é uma reação contra o capitalismo e a sociedade burguesa, envolvendo, ao mesmo tempo, o campo econômico, o social e o político. Ao construir “tipos ideais” no sentido weberiano, classificam e enquadram os escritores e pensadores por eles estudados num ou noutro tipo de romantismo, de acordo com o elemento dominante em seus escritos: o “restitucionista”, o “conservador”, o “fascista”, o “resignado ou desencantado”, o “liberal”, e o “revolucionário ou utópico”. Este último assume diferentes formas: “jacobino-democrático”, “populista”, “socialista utópico-humanista”, “libertário ou anarquista” e “romantismo marxista”.⁵ Para evitar qualquer confusão, explicam que existe um conservadorismo, um liberalismo, um socialismo e um marxismo não-românticos e até mesmo, em certos casos, “anti-românticos”.⁶

1. Humanismo e nacionalismo em Celso Furtado

O humanismo e o nacionalismo como elementos do romantismo e da tipologia citada podem ser constatados na visão de mundo de Celso Furtado e de outros exilados do Nordeste, durante a ditadura civil-militar no Brasil. A percepção desses elementos surge através das narrativas no decorrer da pesquisa, embora não se tenha buscado uma demarcação rígida ou definitiva do tipo de romantismo, diante da fluidez ou das gradações no *spectrum* das “cores românticas anti-capitalistas”.⁷

Os elementos do humanismo podem ser encontrados no conteúdo das obras de Celso Furtado e nas constantes referências aos estudos dos sociólogos alemães Karl Mannheim e Max Weber, à filosofia de Kant e de Marx. Os fundamentos do romantismo na formação profissional de Furtado residem no fato de considerar a economia como um “instrumento para penetrar no social e no político e avançar na compreensão da história”. Celso Furtado relata em *A fantasia organizada* que, no início dos anos 50, começou a preocupar-se em encontrar fórmulas metodológicas que permi-

O Romantismo de Celso Furtado

Lucilli Grangeiro Cortez

tissem conjugar os recursos da História com a análise. Ele afirma:

Sem haver tomado conhecimento dos trabalhos da École des Annales, eu buscava na mesma época o entrosamento da História com as Ciências Sociais, partindo destas últimas, enquanto os membros dessa Escola partiam da primeira... O que eu tinha em vista era iluminar áreas...⁸

E, assim, buscava compreender a evolução política da economia brasileira no século a partir da especificidade das estruturas que se haviam constituído no período colonial. Furtado explica que o método adotado em *Formação Econômica do Brasil* foi o mesmo utilizado em trabalhos anteriores: “*aproximar a história (visão global) da análise econômica; extrair desta perguntas precisas e obter respostas para as mesmas na história*”. É a proposição metodológica por ele adotada desde o início da carreira profissional, quando buscava constatar, *in loco*, a devastação da Europa no pós-guerra e, posteriormente, na saída do Chile para os EEUU, após o golpe civil-militar.⁹ Formado em Direito, Furtado buscou o Diploma de Estudos Superiores em Economia e, para ampliar a compreensão do mundo no pós-guerra, estudou também no Instituto de Ciência Política, na França. Como os românticos, através da característica melancólica que lhes é inerente, Furtado assim expõe o seu sonho.

Não me atraía ser um “profissional”, uma peça que busca ajustar-se a uma engrenagem. Estudara economia, sociologia, filosofia na busca de subsídios para entender o mundo, convencido de que essa também é uma maneira de sobre ele agir. Pode ser a maneira menos eficaz, mas quiçá seja a de efeitos mais duráveis... Se a minha preocupação houvesse sido agir diretamente sobre o mundo teria permanecido em meu torrão natal, pois a política requer o máximo de inserção na comunidade. O que me movia era o desejo de conhecer o mundo, o vasto mundo, convencido de que os reformadores são movidos por idéias de pensadores que a eles se antecipam... Fascinava-me estudar a história das idéias,

da técnica e da política do século XIX, pois estava inclinado a pensar que o decarrilamento da humanidade aí tivera início.¹⁰

O nacionalismo e o humanismo de Celso Furtado também podem ser identificados no papel de agente que atribuía aos nordestinos, com a proposta de suscitar um processo endógeno na realização das transformações estruturais que se faziam necessárias na Região Nordeste. Nos programas e projetos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), por ele criada, estava implícita uma reforma agrária que envolvia grande esforço de mudança de mentalidade, não só no campo político como também nas áreas acadêmica, econômica e social. Em *A Fantasia Desfeita*, Furtado define a “sociedade ideal” como aquela em que o indivíduo pudesse alcançar “*elevado grau de integração social, no sentido de viver em harmonia com o todo... No sentido de um desenvolvimento pleno, de preferência não competitivo*”...¹¹

No artigo *A trajetória intelectual de Celso Furtado*, Juarez Guimarães chama a atenção do leitor para dois aspectos da produção acadêmica desse economista e pensador, apresentando-o como um autor clássico, ao lado de Roberto Simonsen e Caio Prado Júnior, considerando-os o “tripé da historiografia econômica” brasileira. Apresenta, ainda, alguns aspectos de seu romantismo, embora não o identifique como tal, ressaltando a oposição ao liberalismo de Eugênio Gudín, a crítica ao liberalismo norte-americano e a denúncia “veemente do economicismo”¹².

A compreensão da sociedade brasileira e das transformações necessárias para a saída do “atraso” ou do subdesenvolvimento, ou da relação de dependência dos países Centrais, foi a temática perseguida por Furtado a partir de 1949, na Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), cujas idéias passaram a mobilizar a ação política dos movimentos sociais nacionalistas, no início dos anos 60, não só no Brasil, como também na América Latina. Celso Furtado cita dois pontos no pensamento da

Cepal que, para ele, foram “definitivos”, dando-lhe referências das quais partiu para “reflexões concretas”.

Primeiro, a visão estrutural da realidade econômica e social que contrastava com a visão funcionalista, totalmente dominante na minha época. Esse pensamento era dominado pelo marginalismo, que explica tudo como dependendo de tudo... E a visão estrutural não pode prescindir de uma percepção do processo histórico para entender a realidade social. O segundo ponto em que a Cepal me influenciou foi a concepção centro-periferia, porque ela me permitiu ter uma visão global das coisas. A visão de centro-periferia foi a primeira desenvolvida pelos economistas que implicava em globalizar; e ao globalizarmos, percebíamos a desigualdade fundamental entre o centro e a periferia. A lógica do centro era uma, a da periferia era outra. Isso nos armava para formular uma teoria do imperialismo, que não necessitava desse nome, o qual afugentava por sua conotação marxista. Esse foi o impacto que a Cepal teve sobre mim assim que cheguei lá.¹³

Assim sendo, é possível para ele perceber a importância da análise estrutural, permitindo-lhe compreender a heterogeneidade regional do Brasil a partir dos fundamentos da história, segundo explica:

Eu compreendi, a partir da análise estrutural que o Brasil era uma constelação de formas de subdesenvolvimento. Não éramos um país subdesenvolvido qualquer, cujas partes fossem semelhantes entre si, tal como o Chile, ou mesmo a Argentina. Foi um passo importante para eu me interessar pelo problema regional, percebendo que o subdesenvolvimento apresentava muitas caras. Estudar a gênese desse processo requeria uma análise histórica, e desde essa época percebi que, armado de conhecimentos históricos, poderia avançar mais.¹⁴

Como humanista, Celso Furtado opunha-se, não ao capitalismo em si, nem ao processo de industrialização, mas às formas de exploração do homem e das nações, mantendo-as no estágio de subdesenvolvi-

to e na periferia desse sistema. Ele via no incremento da industrialização a forma de ampliar a oferta de emprego ou de reduzir os índices de desemprego. Na busca de transformação da realidade nordestina, como romântico e melancólico, cujo discurso apresentava os indícios do socialismo utópico-humanista, Celso Furtado foi considerado comunista e subversivo, tanto pelos políticos nordestinos que temiam a perda do poder na Região, como por alguns setores da política norte-americana.

A questão do imperialismo, formulada através da teoria do subdesenvolvimento, um dos objetos de suas investigações, expressou-se através da adoção do método histórico-estrutural para compreender a realidade sul-americana. Furtado explica ter deixado de lado “as caixas vazias das teorias puramente dedutivas para abordar a realidade do subdesenvolvimento de um ângulo teórico”, buscando compreender a questão da dependência a partir do “desenvolvimento histórico”, ou seja, um pensamento oposto às idéias iluministas do liberalismo de Eugênio Gudin¹⁵ e dos que defendiam a adoção do modelo funcionalista como método de apreensão da realidade.

A formação keynesiana e neoclássica de Celso Furtado indica, porém, uma possível contradição na análise do conteúdo romântico de seu discurso. A proposta para conseguir uma bolsa da Fundação Rockefeller para estudar em Cambridge tinha por objetivo: “trabalhar no campo da dinâmica econômica, com especial referência à teoria do subdesenvolvimento”, implicando considerar “os enfoques clássico, neoclássico e keynesiano da teoria da produção e distribuição da renda e do comércio internacional”, realizando “um esforço suplementar para observar os resultados das pesquisas recentes”.¹⁶ Entretanto, durante o período em Cambridge, apesar de questionar as idéias de vários economistas, passou a entender, também, que o problema do subdesenvolvimento ultrapassava a área da ciência econômica da forma como era praticada. Como humanista, entendia que o pensamento econômico “era um conjunto de

O Romantismo de Celso Furtado

Lucili Grangeiro Cortez

respostas a questões precisas surgidas em sociedades afetadas por conflitos sociais". A preocupação do Estado Contemporâneo com o desenvolvimento "não era estranha à percepção dos problemas colocados pelas transformações da ordem mundial", mas "as causas dessas transformações não eram consideradas, e sim os problemas de ajustamento que delas emergiam". Parecia-lha evidente que "o caráter extremamente abstrato assumido pela ciência econômica se devia a que a preocupação central dos clássicos estivera em descobrir 'leis' reguladoras da distribuição do fruto do trabalho social". Em *A fantasia organizada* Furtado afirma: "O problema da natureza abstrata ou histórica do método com que trabalha o economista não é independente da natureza dos problemas que o preocupam". Criticando os clássicos e neoclássicos da teoria econômica, Furtado entende que o conhecimento econômico "é de natureza científica, mas o campo que ele explora é delimitado por motivações ideológicas. A obra da economia, que se extravai do terreno delineado pelas preocupações políticas de sua época, não é boa nem ruim, é simplesmente irrelevante". Citando o esboço da crítica escrita em 1953, Furtado conclui:

O desenvolvimento econômico é essencialmente um fenômeno Histórico. Cada economia que se desenvolve enfrenta uma série de problemas que lhe são específicos, se bem que muitos deles sejam comuns a outras economias contemporâneas. O complexo de recursos naturais, as correntes migratórias, a ordem institucional, o grau relativo de desenvolvimento das economias contemporâneas, singularizam cada fenômeno histórico do desenvolvimento.

A permanência no meio acadêmico da universidade em Cambridge, também lhe permitiu ver com mais nitidez o "considerável peso da herança cultural". A lição que retirou ao participar das reuniões no *Union Club*, em Cambridge foi a de que "o trabalho de teorização em Ciências Sociais é em certa medida uma prolongação da política". Constatação que modificou a visão do trabalho teórico e

induziram-no a alterar os planos para o futuro, buscando valorizar a atividade política.¹⁷

2. A prática política romântica de Celso Furtado

Na entrevista concedida em 1998, Furtado assim comenta sua atuação no período anterior ao golpe civil-militar, quando se pode identificar o romantismo revolucionário da prática política:

Sou sertanejo da fronteira do Ceará com a Paraíba, mas estudei em Cambridge e na Sorbonne, e passei dez anos trabalhando na América Latina para as Nações Unidas. Quando retornei ao Brasil em 1958, o mundo da política ainda era dominado por advogados. Com a bagagem de conhecimento da moderna economia eu levava boa vantagem. Daí a influência que tive, mesmo sem partido político que me apoiasse. O que marcou minha presença no Nordeste foi conseguir a união da Região. Esta é a diferença fundamental com o quadro de hoje, quando cada Estado do Nordeste quer lutar contra o vizinho para atrair indústrias, por vezes o prejudicando. A grande vitória da Sudene foi criar uma unidade no Nordeste, colocar seus problemas como regionais.¹⁸

A visão romântica dos projetos de Furtado para a transformação da Região provocavam reações da elite conservadora e defensora do projeto iluminista. Furtado entendia que as dificuldades maiores deveriam ser resolvidas com a agricultura, mas suas iniciativas voltadas para a criação de projetos de colonização, orientados para a produção de alimentos, eram bloqueadas com o início da nova fase de expansão do mercado açucareiro, após a abertura das importações dos Estados Unidos, diante do bloqueio dos produtos de Cuba. Conseqüentemente, não eram liberadas as terras para os colonos e os projetos de irrigação surgiram como alternativa na busca do aproveitamento do potencial de recursos hídricos e da distribuição espacial. O projeto de lei elaborado, rapidamente, como iniciativa para alterar o "quadro de estagnação e miséria" nas bases da estrutura social da Região, colocava

O Romantismo de Celso Furtado

Lucili Grangeiro Cortez

muitos governadores, ligados à "indústria da seca",¹⁹ em situação incômoda, os quais reagiam realizando campanha para caracterizá-lo como "*reforma agrária disfarçada*". Reconhecia, entretanto, que o projeto sofreria contestações e mesmo forte oposição, modificando os alicerces da Região, atingindo a classe dos grandes proprietários de terras.²⁰

Diante de tais premissas, diferentemente dos defensores do projeto iluminista ou dos liberais, Furtado percebeu que os problemas decorrentes da seca resultavam de uma crise social e não, econômica. E, assim, na proposta política para o desenvolvimento do Nordeste buscava envolver os governadores da Região em programas amplamente debatidos, onde o interesse coletivo prevalecesse acima do interesse partidário, pois os problemas decorrentes da seca ocorriam na região produtora de alimentos, cujos produtores eram apenas moradores e não proprietários.²¹

Conseqüentemente, o projeto revolucionário provocou a reação das forças de dentro e de fora do Congresso comprometidas com os interesses do latifúndio, as quais se mobilizaram contra Furtado, acusando o Governo Juscelino Kubitschek de entregar os postos de liderança aos nordestinos e dificultaram o andamento das medidas para a execução. Sem amplo apoio da opinião pública do Sudeste, nada de importante poderia ser feito, pois a classe dirigente e a elite política da Região Nordeste nada fariam para modificar o quadro estrutural. Uma corrente viu nos movimentos dos camponeses a ameaça maior à tranquilidade da Região, passando também a considerar Furtado perigoso e tentando desestabilizá-lo junto ao Presidente JK. O senador paraibano Argemiro de Figueiredo acusou-o de ser "*astuto economista empenhado em bolchevizar o Nordeste*" e, ainda, de permitir infiltração comunista na Comissão de Desenvolvimento do Nordeste (Codeno). A Sudene também sofreu esse mesmo tipo de pressão, tendo Celso Furtado ameaçado deixar o Nordeste caso não fosse aprovada a lei de sua criação, o que levou o

Presidente da República a interferir pessoalmente nas negociações para desobstruí-la no Congresso, fato que ocorreu em 15 de novembro de 1959.²²

Substituindo Kubitschek, Jânio Quadros assumiu a Presidência, mantendo Celso Furtado e a política da Sudene no Nordeste, mas a renúncia de Jânio desencadeou, em agosto de 1961, a crise política que surpreendeu a sociedade civil e a sociedade política, embora houvesse alívio em Brasília com o desfecho.²³ Atendendo ao convite do presidente João Goulart, Furtado tornou-se Ministro do Planejamento e retornou à Sudene, conseguindo aprovar em 14 de dezembro de 1961, o I Plano Diretor, considerado por Tancredo Neves, então governador do Estado de Minas Gerais, uma "*autêntica reforma de base*".²⁴

A política desenvolvida pela Sudene, ao ser vista de forma ambivalente, também foi um dos fatores contribuintes para a crise instalada no governo João Goulart. Para os liberais conservadores, para os coronéis e os grandes proprietários de terra ou usineiros e para os que utilizavam a "indústria da seca", a Sudene colocava em risco seus interesses ao tolher a política clientelista e patrimonialista. Para os liberais envolvidos com o mercado internacional e com a política externa, o programa da Sudene estimulava a ocupação das terras e o surgimento de outro Vietnã ou de outra Cuba, principalmente para o Governo norte-americano, diante do período da Guerra Fria, sendo considerado um risco para a política e a economia do Continente, o que tornava a Região passível de sofrer intervenção armada.²⁵ Para os oponentes de Jango, os liberais conservadores, esse quadro era considerado "ineficiência" do Estado como empresário e empreiteiro, pois o grande capital exigia a estabilização da economia, a qual deveria ser alcançada através de controle rígido de salários, de medidas para diminuir a inflação e de cortes nas despesas públicas com políticas sociais, requerendo, ainda, reorientação das diretrizes econômicas no favorecimento à concentração de renda.²⁶

O Romantismo de Celso Furtado

Lucili Grangeiro Cortez

3. Exílio e melancolia

Celso Furtado percebeu as tensões e o “clima” no País, principalmente no Rio de Janeiro, nos primeiros meses de 1964, entendendo que o presidente João Goulart não concluiria o mandato. Por se tratar de autoridade responsável por um órgão do Governo Federal, Furtado foi convidado pelo Governador Miguel Arraes para participar de reunião no Palácio das Princesas, sede do Governo de Pernambuco, ao lado de outras personalidades, entre elas o Prefeito do Recife, Pelópidas Silveira, deputado Francisco Lemos, da Paraíba e Francisco Oliveira, que colocou aviões da Sudene à disposição dos governadores do Nordeste para discutirem, no Recife, uma estratégia de resistência.²⁷ Ao constar a situação que assumia característica de golpe de Estado, Arraes recomendou que todos saíssem para “cuidar de suas vidas”, mas Celso Furtado e outras lideranças tentaram resistir e permanecer juntos, até que foram obrigados, por um oficial do Exército, a abandonar o local, só permitindo ficar, além dos que lá trabalhavam, uns poucos familiares.²⁸

Dirigindo-se a Brasília, Furtado tomou conhecimento dos Atos Institucionais que cassaram os direitos políticos de inúmeros cidadãos, inclusive o seu, ficando proibido de “ocupar-se da coisa pública”. Ao sofrer as pressões e a tensão da situação de um “cassado”, mas recebendo convites de várias universidades para ensinar no Exterior, Furtado decidiu aceitar o convite do Instituto Latino-Americano de Planejamento Econômico e Social, ligado à Cepal, para pronunciar uma série de conferências em Santiago do Chile. Diante das dificuldades de obter o passaporte brasileiro utilizou o passaporte diplomático a que tinha direito, como membro do Conselho Interamericano da Aliança para o Progresso.²⁹

No Chile, os exilados que já tinham uma atividade acadêmica eram automaticamente aproveitados em diferentes cargos e ocupações, muitos deles através da intermediação do poeta amazonense Thiago de Mello, As-

essor Cultural na Embaixada do Brasil. Muitos exilados brasileiros reuniam-se na mansão de Pablo Neruda e, posteriormente, no edifício da Cepal. Entre eles estavam Darcy Ribeiro, quando em trânsito para a Europa, Francisco Oliveira, Nailton Santos, Samuel Weiner e Fernando Henrique Cardoso.³⁰

A decisão de ir para os Estados Unidos, em setembro de 1964, não foi simples, tendo de explicar aos amigos o afastamento, pois poderia ser imediatamente integrado na Venezuela, na Argentina, no Chile ou no México. Entretanto, nele prevaleceu o desejo de isolar-se, e envolver-se em nova “tarefa intelectual”, como também o interesse acadêmico de observar o que se passava no mundo, principalmente num país, de cujo “campo gravitacional” o Brasil fazia parte, a fim de evitar o risco de ficar prisioneiro de uma visão exterior, concebida para reforçar a dependência. A partir desse momento, seu objetivo não era mais estudar o fenômeno do subdesenvolvimento, mas compreender a situação de dependência a que o Brasil fora arrastado numa fase “relativamente avançada” do processo de industrialização.³¹

Como supusera Victor Hugo, em *Marine Terrace*,³² Furtado entendia que seu exílio seria longo e passou a fazer planos para viver no estrangeiro por um período de quinze anos, mas não desejava se desvincular de seu mundo para adotar uma nova pátria. Não concebia a idéia de que a situação seria revertida em curto prazo, e, assim, começou a planejar o exílio, prevalecendo nele, mais uma vez, como um melancólico, a tendência ao isolamento, embora respeitasse os que se organizavam para sobreviver e pensar com independência no Brasil.³³

A chegada ao meio acadêmico dos Estados Unidos, na Universidade de Yale, onde se manteve integrado ao Centro de Estudos do Crescimento Econômico, foi recebida com distinção.³⁴ A exilada Moema São Thiago, sobrinha e afilhada do então governador Virgílio Távora, do Ceará, relata que a experiência no programa *American Field Service* e a recepção a Furtado como um herói despertaram-lhe questionamentos sobre a polí-

tica adotada no Brasil, mudou sua compreensão da realidade brasileira, passando a vê-la a partir de outra perspectiva.

*Eu estava na Universidade de Yale. Meu "pai americano" era professor desta Universidade e o Celso Furtado que em 64 era visto como um comunista, um diabo aqui no Brasil, foi recebido como um herói... Mas eu tomei um choque, porque vi uma pessoa que estava sendo perseguida no Brasil e, de repente, recebido pelos estudantes e professores americanos como um Deus. Lembro da biblioteca americana. Tinha estudante até nas estantes, nas janelas, em pé, no chão, em todo lugar para ouvir o Celso Furtado. Já nessa época, a imprensa americana batia bastante na violação dos direitos humanos. Ditadura, seca, miséria no País e tudo isso reforçou, chamou mais a minha atenção para um trabalho de consciência social, consciência política e social. Aí, voltando para o Brasil, passo em dois vestibulares: História e Direito. Foi uma seqüência natural me engajar no movimento estudantil.*³⁵

Enquanto nos Estados Unidos, por um lado, era difícil para Furtado comentar sobre o que se passava no Brasil e na América Latina; por outro lado, ele encontrava muita satisfação em conhecer a realidade norte-americana, não só "na perspectiva histórica como em sua dimensão contemporânea". Sempre que visitava Nova York, encontrava amigos da época em que trabalhara nas Nações Unidas e outros conhecidos dos meios universitários, pois, nesse período, era possível encontrar a *intelligentsia* européia remanescente dos cataclismos políticos e sociais dos anos 1930 e 1940. Uns conseguiram retornar aos países de origem; outros não voltavam porque haviam conquistado posições vantajosas. Mas, Furtado percebeu o romantismo da maioria desses exilados, ao afirmar que quase todas essas personalidades tinham algo em comum: "a nostalgia de um mundo perdido, uma tendência a sobrevalorizar certa forma de vida que era ao mesmo tempo rica e provinciana".³⁶

Ao mesmo tempo, Furtado tomara conhecimento de que o governo brasileiro fizera *démarches* junto à Universidade de Yale para não renovar seu contrato. As suspeitas se confirmaram ao viajar para a Inglaterra, onde participou de seminários e outras atividades em Oxford e Cambridge. Diante dos problemas com a crise externa e das pressões do governo brasileiro junto ao governo norte-americano, decidiu aceitar o convite da Universidade de Paris e se dirigiu para a França. Esse relato representa para Furtado seu testemunho de não haver dúvidas, "de que se perseguiam pessoas no Brasil, não apenas porque estavam envolvidas com 'guerrilhas'".³⁷

Na Europa, como refugiado político, conviveu com duas situações que refletem as duas faces de uma mesma moeda. De um lado, a situação barroca da melancolia, do mundo em ruínas; do outro lado, o usufruto das benesses do Primeiro Mundo, do meio acadêmico, da velha tradição histórica e cultural. E, assim, Furtado transformou-se em testemunha ocular do movimento dos estudantes, em maio de 1968, o qual reivindicava profundas reformas no ensino universitário da França, participando também das discussões e debates como membro da congregação da antiga Faculdade de Direito e Ciências Econômicas de Paris, de onde surgiu a primeira universidade de novo estilo, com o nome de *Paris I Panthéon-Sorbonne*.³⁸ No desenrolar dos acontecimentos, Furtado participou do debate comemorativo dos 150 anos de nascimento de Marx, na Unesco, ao lado de Sartre, Marcuse e Habermas e de "outros monstros da reflexão descabelada", sendo por eles considerado "um gênio" ao insistir na colocação do problema social, a partir da "identificação das necessidades essenciais do homem"³⁹, como um típico humanista romântico.

Embora fosse professor convidado de uma Universidade francesa, sofreu impedimentos do Governo brasileiro para atuar em outros países, não lhe sendo concedido passaporte ou sendo impedido de atender os convites através de outras formas de pres-

são. Como também o governo brasileiro não apoiou a indicação de Furtado, por duas vezes, para compor a lista final de candidatos a reitor da Universidade das Nações Unidas, com o apoio de países do Terceiro Mundo e da Europa Ocidental.⁴⁰

Como outros exilados, apesar de estar afastado do cenário político brasileiro, e de se defrontar com outra prática política, com outras idéias, mantinha a ligação com o Brasil. O tipo de resistência de Celso Furtado se voltava para a reivindicação do "direito elementar de pensar com independência" e, principalmente, relacionando-o ao estudo da realidade econômica e social do País, como uma forma de reagir e esclarecer a política econômica adotada pela ditadura.⁴¹

4. O "eterno retorno"

O exílio provocou a revisão dos discursos dos "românticos jacobinos" (a esquerda armada) e o reencontro com as idéias de Celso Furtado. As indagações a respeito da validade da aplicação das teorias do socialismo começaram, antes do retorno, a partir da vivência com os problemas da África, da Alemanha Oriental, da União Soviética. Liana Aureliano comenta:

Nos anos sessenta, nós acreditávamos que o crescimento econômico ia trazer a superação do subdesenvolvimento. Nós acreditávamos, inocentemente, que o subdesenvolvimento era uma etapa do desenvolvimento. Furtado já ensinava que não. O subdesenvolvimento é um processo econômico e social que tende a se perpetuar. Hoje a gente tem São Paulo e tem o Nordeste, tem as desigualdades regionais, há o desequilíbrio da Federação.⁴²

A adoção dos princípios keynesianos, tanto pelos capitalistas como pelos socialistas; a relação entre keynesianismo e leninismo; a ênfase no processo de industrialização, não só pelos países capitalistas como os socialistas; as demandas da classe trabalhadora e a alternativa da classe produtora; e a proposta de uma nova leitura de Marx sem o controle dos partidos, ou seja, sem o patrulhamento ideológico, são elementos comuns no discur-

so dos exilados "românticos jacobinos" no retorno ao Brasil. Seus questionamentos teóricos indiretamente se aproximam da análise de Celso Furtado em um texto elaborado no período em que passou exilado nos EEUU, transcrito no livro *Os Ares do Mundo*, no qual busca explicar o porquê da estagnação das economias periféricas dos países industrializados, embora a ênfase do texto citado seja a explicação da situação brasileira como um país periférico ao sistema capitalista internacional.

Para Furtado, a industrialização nos países da América Latina não ocorreu em virtude de uma decisão política e, sim, do "fruto indireto da longa depressão nos mercados internacionais de produtos primários iniciada com a crise de 1929". E assim, explica como a industrialização latino-americana assumiu a forma de substituição dinâmica das importações, ocorrendo em uma época em que a tecnologia disponível se orientava no sentido de poupar mão-de-obra, em função do tipo de tecnologia adotada, não em razão das disponibilidades dos países desse continente. Mesmo com uma taxa de salário igual a zero, inexistia a possibilidade de absorção da mão-de-obra disponível, cujas conseqüências no plano da distribuição de renda eram óbvias, provocando o excedente de mão-de-obra e mantendo o subemprego ou mesmo a tendência de crescimento com a "industrialização periférica". Portanto, para Celso Furtado, decorreu daí a incapacidade dos países latino-americanos alcançarem a "segunda fase do processo de desenvolvimento capitalista", configurando o subdesenvolvimento atual.⁴³

No plano ideológico, a industrialização, no quadro do que Furtado definiu como capitalismo clássico, gerou as condições para o surgimento do "reformismo social, tanto pela via do liberalismo como pela do socialismo". Por um lado, "a eficácia do liberalismo deu-se em um contexto social em que o progresso técnico operou no sentido de abrir caminho à solução dos principais problemas sociais surgidos com o desenvolvimento das forças produtivas", simplificando a ação do Estado ou transferindo-a para mecanismos reguladores "só indiretamente condicionados por cri-

O Romantismo de Celso Furtado

Lucili Grangeiro Cortez

térios políticos". Por outro lado, "a doutrina socialista contribuiu para acirrar o desafio da classe trabalhadora ao sistema de distribuição da renda, sem, contudo, afetar a forma de organização da produção". Portanto, Furtado reconhecia uma "dinâmica social" baseada em "conflitos entre classes", cuja visão política refletia a "forma como estas se integram no processo produtivo", de onde ele afirmava que: "o liberalismo e o socialismo se ajam complementado dialeticamente no processo de desenvolvimento econômico e social possibilitado pela industrialização de vanguarda". Entretanto, tal não ocorreu nos países subdesenvolvidos, onde "a penetração do progresso técnico" não facilitou a solução dos conflitos sociais "de natureza substantiva", diante do despreparo da mão-de-obra aglomerada no meio urbano e a ineficiência e "escassa aplicabilidade" dos "sistemas ideológicos tradicionais (liberalismo e socialismo)". E, assim, ele conclui que, no processo histórico latino-americano, surgiu o autoritarismo em lugar do liberalismo, uma "ideologia voltada para a preservação do status quo social mediante reformas graduais". O autoritarismo, por um lado, ao sufocar a pressão das forças sociais no sentido de redistribuir a renda, frustrou o desenvolvimento, limitando seus benefícios "a uma minoria social"; o socialismo, por outro lado, uma "ideologia voltada para a justiça social - transfigurou-se em populismo", cujo esforço redistributivista não encontrou correspondência no aumento de produtividade.⁴⁴ Ele assim compara a conjuntura política dos anos 1960 com a posterior aos anos 1980:

Agora, a diferença maior que vejo entre antes e depois do meu exílio é que, comparando com trinta anos atrás, a vida política empobreceu. A política é uma arte muito difícil que só se aprende na prática. Exige um entrosamento com a sociedade, que é quem conduz e controla a política. Na época da ditadura, não se fechou o Congresso. Pior: mantiveram-no aberto, mas cassavam todos os que pretendiam ter uma atuação mais crítica, deixando por lá, com raras exceções, apenas o bagaço. Com isso, os melhores foram afastados e não se renovou a classe polí-

*tica. O preço pago até hoje foi muito alto, e estamos precisando de uma reformulação da classe política.*⁴⁵

Para Furtado, não há diferença entre os políticos das diferentes regiões brasileiras, pois o que existe é o reflexo de uma estrutura social que "no Nordeste é mais anacrônica" do que a do Centro-Sul do Brasil e parte desses políticos representa a velha estrutura social. Afirma, ainda, não ter o Nordeste sofrido "uma transformação social no nível de sua estrutura agrária, que é a principal fonte de emprego do setor agrícola".⁴⁶ O humanismo do romantismo revolucionário de Furtado pode ser constatado na análise que realiza sobre as diferenças atuais entre as regiões Nordeste e Sudeste:

*O Nordeste não é arcaico. Lá existe, sim, o dualismo entre a maior modernidade e o maior anacronismo, mas não se trata de uma Região arcaica. O Nordeste tem uma força própria, uma especificidade cultural que alguns hoje querem negar. Trata-se de uma Região culturalmente diferenciada, assim como é o Rio Grande do Sul, como é São Paulo, todas formando essa constelação que dá força ao Brasil. O Nordeste tem uma estrutura social que parece anacrônica dentro do quadro brasileiro, mas que na verdade se desenvolveu em todas as dimensões. O Nordeste tem uma força cultural que continua a se firmar no Brasil; sua presença cultural é muito importante no País. Por outro lado, a exclusão social se agrava cada vez mais. Esse que é o verdadeiro problema nordestino.*⁴⁷

Entretanto, Furtado admite que a crise do Estado prejudica mais o Nordeste por ser mais dependente do setor público, da ação do Estado, porque ainda traz muitos problemas de uma fase de desenvolvimento anterior que já não se apresenta claramente no Centro-Sul.

Nessa fase de vencer o subdesenvolvimento, a ação do Estado é essencial. E hoje se pretende esquecer um pouco isso. O problema não é se o Brasil está crescendo ou não está crescendo; a questão é se está crescendo e permanecendo subdesenvolvido, agravando o desequilíbrio estrutural. Se a ação do

O Romantismo de Celso Furtado

Lucili Grangeiro Cortez

*Estado é importante para o Brasil, inclusive para manter a unidade nacional, ela é fundamental para o Nordeste. Aí, a exclusão social dominante é um problema político, e para modificar esse quadro se necessita de vontade política, como foi feito na época da lei dos incentivos fiscais que nós introduzimos.*⁴⁸

Na entrevista citada, Furtado explica que “a unidade regional era a força da Sudene e do Nordeste” e se ainda “tivesse alguma influência no Nordeste, daria seqüência a isso, para restaurar o sentido da Região, de unidade regional,” embora reconheça haver um “desenvolvimento diferenciado nos vários Estados brasileiros” que já existia antes da criação da Sudene. Com a Sudene, reconhecia-se o problema das desigualdades regionais, e “também a consciência de que todos eram iguais na pobreza, na exclusão social”. Algumas regiões se beneficiaram mais do que as outras, mas para ele não há diferenças essenciais, porque o “verdadeiro desenvolvimento se vê no plano social”. Para Furtado, não há uma sub-região do Nordeste que seja socialmente homogênea. Por um lado, há o aspecto negativo da diferenciação social; por outro lado, tem o aspecto positivo do apego à terra, aos valores, e um orgulho regional que existe muito menos no Centro-Oeste ou, até mesmo na Amazônia, regiões de povoamento muito mais recente. Para ele, o que deve ser levado em conta é que “o nordestino existe culturalmente”.⁴⁹

Segundo Furtado, a Sudene, o Banco do Nordeste e a Chesf desempenharam um papel fundamental na modificação da Região, a qual cresceu mais do que o Centro-Sul do Brasil num período de vinte anos. Do mesmo modo que defendera a união dos governadores e políticos em função do desenvolvimento regional, na época em que era superintendente da Sudene, Furtado ainda continua a propor uma política diferenciada para o Nordeste, reafirmando que o grande problema da Região é “a falta de consciência de que a união regional é um trunfo político”. Embora a Constituição de 1988 tenha sido descentralizadora, Furtado acentua que

os recursos são mal aplicados “porque há uma degradação do setor público”. Como Ministro e, posteriormente, diretor da Sudene por cinco anos, ele afirma não ter surgido nenhum escândalo ou falcatura naquele período, enquanto que “a ditadura deteriorou o setor público”, o que permitiu “uma renovação política degenerada, com exclusão dos melhores”, transformando a administração “em balcão”. Para ele, “o mais importante para o Nordeste é restaurar o espírito de unidade da Região” na defesa de seus interesses, antevendo a extinção da Sudene ao citar seus temores, em 1997, quando concedeu a entrevista, fato impensável para ele na ocasião da entrevista, e que ocorreu no governo de Fernando Henrique Cardoso.

É evidente que o mundo vai evoluindo, transformando-se. Uma instituição do tipo Sudene tem sempre que existir; no fundo é o que sobrevive da unidade do Nordeste; é onde os Governadores podem se reunir; é onde alguém estuda o conjunto da Região. Se acabarem com a Sudene destrói-se o que ainda existe de entendimento, de consciência nordestina, e é um prejuízo para todo o Nordeste e para o Brasil. Foi um milagre a Sudene ter escapado da devastação do Governo Collor. Como é tão frágil este país! Chega um doido e liquida tudo!⁵⁰

Concluindo

O acirramento das lutas políticas no continente, a posição dos países latino-americanos na periferia da economia internacional, a defesa dos direitos humanos diante da desigualdade social e a perda dos direitos políticos, foram preocupações de Celso Furtado e de outros exilados. Esses questionamentos se traduzem no interesse ou objetivo dos românticos e da característica melancólica que lhes é inerente. Os nacionalistas românticos, como Celso Furtado, não viam no “velho liberalismo” ou no modelo clássico da economia liberal a solução para enfrentar os novos e grandes problemas da nascente sociedade industrial brasileira.

No final dos anos 1950, a ênfase no utilitarismo e no individualismo trazida pelo industri-

alismo do modelo liberal era também combatida pelos nacionalistas brasileiros, a exemplo do que faziam os românticos do século XVIII e XIX. Os utilitaristas, como os defensores do bloco ligado ao capital transnacional, buscavam realizar “reformas parciais e ordenadas”.

O pensamento inovador de Celso Furtado, em conseqüência da experiência vivida em centros de referência para o estudo da Economia, da História e das Ciências Sociais, como também do método adotado para apreensão da realidade, favoreceu-lhe a antecipação e questionamento dos modelos ideológicos e institucionalmente adotados, dificultando as tentativas de enquadrá-lo em um ou outro campo econômico. No discurso de Furtado, ao analisar o processo de desenvolvimento capitalista e o subdesenvolvimento nos países periféricos ou da América Latina, podem ser identificados, tanto elementos da economia clássica, do keynesianismo, como concei-

tos do materialismo histórico, ao apontar os antagonismos de classe, ao adotar juízos de valor, e também a complementaridade de interesses e de problemas de “racionalidade substantiva” do pensamento weberiano e de Habermas, ou seja, que os conflitos nos países industrializados têm a solução facilitada “*pelo avanço da técnica, vale dizer, pela difusão de critérios de racionalidade instrumental*”.⁵¹

A experiência vivida e a inserção profissional e cultural nos países onde estudou e nos de refúgio durante o exílio, favoreceram o surgimento de uma identidade multicultural, transformando Celso Furtado um “cidadão do mundo”. Entretanto, ele considerava a América Latina “uma verdadeira pátria maior”, tendo forte sentimento de identidade com seus valores, não mais sabendo a diferença entre o que era latino-americano ou especificamente brasileiro.

O Romantismo
de Celso Furtado

Lucili Grangeiro
Cortez

Notas

¹ GUINSBURG, Jacó. O romantismo. São Paulo: Perspectiva, 2002, p.13-14; RUSSELL, Bertrand. História do pensamento ocidental: a aventura das idéias dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Ediouro, p. 332-333, 2001.

² RUSSEL, op. cit., p. 333.

³ FALBEL, in Guinsburg, op. cit., p. 23-24.

⁴ LÖWY, Michael e SAYRE, Robert. Romantismo e política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 20, 25; Idem, Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade. Petrópolis: VOZES, p. 33-34, 1995.

⁵ Ibidem, p. 28; Idem, 1995, op. cit., pp. 15-16; 91 - 92.

⁶ Ibidem, op. cit., p. 34 - 36, 1993.

⁷ ROMANO, Roberto. O conservadorismo romântico. Rio de Janeiro: Vozes, p. 67. A Doutrina das Cores, de Goethe, que se opõe à de Newton, o qual defendia o princípio de que "as cores existem na luz solar, surgindo em sua diversidade ao decompor-se o raio luminoso no seu espectro, devido 'a sua maior ou menor refrangibilidade". Goethe afirma que a teoria por ele defendida se opõe à newtoniana, mas também "se ocupa da luz branca e recorre às condições exteriores para produzir fenômenos cromáticos". Entretanto, "reconhece a estas condições valor e hierarquia. Não pretende extrair cores na luz, mas apenas demonstrar que a cor é determinada ao mesmo tempo pela luz e por aquilo que a ela se opõe". Para a Doutrina das cores, portanto, "estas não se originam da diversidade própria da luz, mas de seu choque com a sombra. As cores seriam uma síntese frágil entre dois elementos".

⁸ FURTADO, Celso. A fantasia organizada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 15, 1985.

⁹ Idem, p. 164, 205, 208.

¹⁰ Ibidem, p.15

¹¹ FURTADO, Celso. A fantasia desfeita. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 92, 1989.

¹² GUIMARÃES, Juarez. A trajetória intelectual de Celso Furtado. In: Celso Furtado e o Brasil. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, p. 18-23, 2000.

¹³ Entrevista concedida a José Salmite Filho, aluno do Curso de Ciências Sociais da UECE, em 25 de maio de 1998, para elaboração de Monografia e a pedido da autora quando em fase de elaboração de Tese de Doutorado.

¹⁴ Idem, entrevista citada.

¹⁵ Furtado, p. 149, 1985.

¹⁶ Idem, p.197.

¹⁷ Ibidem, 224-227.

¹⁸ Entrevista citada.

¹⁹ FURTADO, 1989, p. 64. Ao adotar os termos, Furtado refere-se à prática clientelista nos períodos de grande estiagem no Nordeste, quando os políticos da Região aproveitavam a situação com a barganha de verbas do Governo Federal para distribuir alimentos ou favores em troca de votos.

²⁰ Idem, p. 63-65.

²¹ Idem, p.50; MANTEGA, Guido. A economia política brasileira. Petrópolis:Vozes, p. 85-86, 1991.

²² FURTADO, pp. 65-68, 76-80, 1989.

²³ SKIDMORE, Thomas. Brasil: de Getúlio a Castelo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 231-251; CHILCOTE, Ronald H. O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração. (1922-1972) Rio de Janeiro: Graal, 1982, p.129-130; DREIFUSS, René Armand. 1964: a conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, p. 125-130, 1987.

²⁴ FURTADO, 1989, p. 129-132; SKIDMORE, op. cit., p. 282. ARRAES, Miguel. Pensamento e ação política. Rio de Janeiro: Topbooks, p. 17-34, 1997.

²⁵ FURTADO, 1989, p. 169-190; LEMOS, Francisco de Assis. O Vietnã que não houve. João Pessoa: Universidade Estadual de Londrina/UECE, 1996, pp. 2, 6-8, 119-123; CARVALHO, Inaiá. Maria Moreira de. O Nordeste e o regime autoritário. São Paulo: Hucitec/Sudene, p. 62, 1987.

²⁶ DREIFUSS, op. cit., p. 132, 135; SKIDMORE, op. cit., p. 259-269.

²⁷ Idem, p. 191; LEMOS, op. cit., p. 209-210.

²⁸ Cf. entrevista de Violeta Arraes. In: CORTEZ, Lucili G. O drama barroco dos exilados do Nordeste. Fortaleza/Recife: Editoras UFC/UFPE/ EdUECE, p. 96, 2005.

²⁹ Idem, p.197-201.

³⁰ FURTADO, Celso. Os ares do mundo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 20-25, 1991.

³¹ Ibidem, p. 21 - 23.

³² HUGO, Victor. William Shakespeare. Londrina - Paraná : Campanário, p. 16, 2000.

³³ FURTADO, p. 113-115, 1991.

³⁴ Ibidem, pp. 114-115, 119-120.

³⁵ Entrevista concedida a autora por Moema São Thiago, em 29 set. 2000.

³⁶ Ibidem, p. 131.

³⁷ Ibidem, pp. 137-138; 160-162.

³⁸ Ibidem, p. 165.

³⁹ FURTADO, op. cit., p. 164-167, 1991.

⁴⁰ Ibidem, p. 259-260.

⁴¹ FURTADO, op. cit., p. 160-163, 174-177, 1991.

⁴² Entrevista concedida a Oseias Ireno Gouveia, em Recife, em 8 de jun. de 2000. In: Cortez, op. cit., p. 262.

⁴³ FURTADO, op. cit., p. 127, 1991.

⁴⁴ Idem, p. 128-129.

⁴⁵ Entrevista citada.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Ibidem, p. 128. Para mais explicações sobre o assunto, ver HABERMAS, J. op. cit., p. 45, passim.

O Romantismo
de Celso Furtado

Lucili Grangeiro
Cortez

Referências Bibliográficas

- ARRAES, Miguel. *Pensamento e ação política*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- CARVALHO, Inaiá. Maria Moreira de. *O Nordeste e o regime autoritário*. São Paulo: Hucitec/Sudene, p. 62, 1987.
- CHILCOTE, Ronald H. *O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração. (1922-1972)* Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- CORTEZ, Lucili G. *O drama barroco dos exilados do Nordeste*. Fortaleza/Recife: Editoras UFC/UFPE/UECE, p. 96, 2005.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FURTADO, Celso. *A fantasia organizada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. *A fantasia desfeita*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- _____. *Os ares do mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- GUIMARÃES, Juarez. "A trajetória intelectual de Celso Furtado". In: *Celso Furtado e o Brasil*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2000.
- GUINSBURG, Jacó. *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- HUGO, Victor. *William Shakespeare*. Londrina - Paraná: Campanário, 2000.
- LE MOS, Francisco de Assis. *O Vietnã que não houve*. João Pessoa: Universidade Estadual de Londrina/UFP, 1996.
- LÖWY, Michael e SAYRE, Robert. *Romantismo e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- _____. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MANTEGA, Guido. *A economia política brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- ROMANO, Roberto. *Conservadorismo romântico: origem do totalitarismo*. 2ª ed. São Paulo: Unesp, 1997.
- RUSSELL, Bertrand. *História do pensamento ocidental: a aventura das idéias dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

O Romantismo
de Celso Furtado

Lucili Grangeiro
Cortez